



SOCIOLOGIA

Unidade II - Revoluções

REVOLUÇÕES: AS BASES DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Nas duas últimas décadas do séc. XVIII houve duas revoluções que criaram o mundo à imagem e semelhança da Europa: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial.

A Revolução Francesa trouxe consigo o modelo de revolução política; já a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, tratava-se de uma revolução econômica.

Ambas tiveram início no final do séc. XVIII e se consolidaram na primeira metade do séc. XIX; e ambas tiveram início em realidades localizadas e se expandiram por praticamente toda a Europa e demais continentes.

Segundo o historiador inglês Eric Hobsbawm, em sua trilogia: "A era dos impérios", "A era das revoluções" e "A era do capital", houve um longo séc. XIX, entendido como período de afirmação do capitalismo, fruto dessa dupla revolução, marcando fundação da própria contemporaneidade e dando os contornos do mundo conforme nós o conhecemos hoje.

A REVOLUÇÃO FRANCESA

Os significados:

A Revolução Francesa concluiu um ciclo de revoluções burguesas, do séc. XVI ao XVIII, que incorporou também as revoluções inglesa (de 1640 a 1689), americana (1776) e holandesa (1798).

De todas as revoluções burguesas, a francesa foi tratada pela historiografia como a mais importante e significativa de seu tempo, pois mudou a face política do mundo, sendo um marco considerado superior em relação às demais revoluções democráticas uma vez que a França era, culturalmente, o país mais influente e, politicamente, o mais importante do período.

A língua francesa passou a ser o idioma diplomático de comunicação internacional e os hábitos franceses começaram a ser reproduzidos culturalmente pelas aristocracias de diversos países.

A projeção histórica da Revolução Francesa se deu, de início, pelo modelo filosófico por ela representado: a Filosofia Iluminista. No âmbito



político, concentrava o ideal dos Estados Modernos Nacionais, de caráter constitucional. O princípio em questão é que o poder não mais deveria emanar da monarquia ou da Igreja, mas da nação. Sendo assim, o poder não mais emanaria do rei; mas da nação.

NAÇÃO = POVO+TERRITÓRIO

A declaração dos direitos do Homem e do cidadão, de 1789, que estabelecia a igualdade entre os homens, proclamava princípios de natureza universal, ou seja, não só para a França, mas para todo o mundo.

A projeção da Revolução Francesa era, portanto, universal.

Com início em 1789, a revolução projeta uma França que em 1815 se empenha em expandi-la por toda a Europa.

Em suma, a Revolução Francesa mudou a face do mundo.

O próprio sentido do termo "revolução" acabou sendo também alterado. Inicialmente utilizado no campo astrofísico para se referir ao movimento dos astros, ou a quase falta de movimento, referindo-se também a um "salto para outra dimensão", passava a designar um movimento de inversão social.

A própria revolução pretendia para si o caráter de o mais importante evento histórico jamais registrado. Pretendia-se mais importante até que o nascimento de Jesus Cristo, uma vez que impôs um novo calendário que substituiu o calendário cristão. O ano de 1789, o ano da revolução, passava a ser o ano 1 da nova era mundial. Mudaram os nomes dos meses, que passavam a se referir a fenômenos meteorológicos: Brumário, Floral, Germinal, Brarial, Termidor etc.

Mudaram as certezas políticas. Wolfgang Von Goethe escreveu, após ter testemunhado uma batalha entre as tropas revolucionárias e o exército prussiano, que uma nova era começava, pois tropas maltrapilhas de revolucionários acabavam de derrotar o maior e mais poderoso exército do mundo.

Tem início como um movimento de caráter reformista. Durante o processo é que os atores envolvidos tomaram consciência de seu caráter revolucionário.

Os atores envolvidos:

A configuração social da França, às vésperas da revolução, obedecia a uma estratificação dada pelo sangue; ou seja, a condição do indivíduo naquela sociedade

Figura 1

Declaration of the Rights of Man and Citizen

IMAGE: © The Art Archive/Corbis

CREATOR NAME Jean Jacques Francois LeBarbier

DATE CREATED 1789

PHOTOGRAPHER Alfredo Dagli Orti

COLLECTION The Picture Desk Limited

era determinada pelo nascimento. Nascer em família nobre, estava garantida sua condição de nobreza; em caso contrário, tratava-se de plebeu.

Incluindo, além dessas duas classes, os religiosos, temos a seguinte organização social:

1º Estado	2º Estado	3º Estado
Nobreza	Clero	Camponeses e comerciantes (estes divididos entre baixa e média burguesia)

Os fatores:

Dentre os fatores que desencadearam a revolução está o conflito entre as novas formas de produção, ou seja, o pré-capitalismo baseado no trabalho assalariado, em conflito com o feudalismo (ausência de trabalho assalariado, pautado em laços de servidão) e as formações sociais do Antigo Regime (as monarquias absolutistas, nas quais o rei governava com poderes quase ilimitados).

Apesar de ter uma imensa importância política, economicamente a França era predominantemente agrária e comercial. A potência econômica, no período, era a Inglaterra. O conflito pela hegemonia política e econômica na Europa se dava então entre França e Inglaterra.

Causas:

- 1) Conflito entre as forças produtivas mercantis e o Antigo Regime feudal;
- 2) A disputa no sistema internacional entre Inglaterra e França.

Exatamente em função deste conflito, a França apoiou a independência das colônias americanas contra a Inglaterra, com armas, dinheiro e tropas deslocadas cruzando o Oceano Atlântico, o que muito rapidamente levou ao endividamento do Estado francês, pelos gastos despendidos na campanha militar contra a Inglaterra, pela independência dos EUA. A dívida acabou recaindo sobre os cidadãos franceses na forma de impostos.

A estrutura político-social francesa privilegiava nobres e religiosos que não pagavam impostos. Desta forma, a crise econômica acabou recaindo sobre os camponeses que constituíam 80% da população, junto de artesãos e comerciantes.

A crise era o preço da vitória norte-americana em sua revolução burguesa.

Nesse contexto, podemos enumerar as causas imediatas da revolução da seguinte forma:

1) A aliança entre a burguesia	A aliança entre cidade e campo representou,
--------------------------------	---

e o campesinato (Jacqueries).	no contexto revolucionário, o levante de camponeses e sua aliança com uma classe com poder político nas cidades: a burguesia (pequenos e médios comerciantes).
2) Conflito entre um Estado Absolutista, que existia de fato; e o projeto de Estado Moderno constitucional, que ia sendo idealizado antes e durante o processo revolucionário	É fruto dos textos de filosofia política iluminista. Este tipo de Estado já existia, em essência, na Holanda e na Inglaterra, que já haviam realizado revoluções burguesas, mas era reformulado na França.
3) Crise econômica sem saída política.	O Antigo Regime queria repassar a conta da crise econômica inicialmente à nobreza e à Igreja, que por sua vez se negaram a pagar pelo prejuízo. O impasse instaurou uma crise política desencadeada pela revolta inicialmente da nobreza, fazendo recair a cobrança de impostos sobre camponeses e comerciantes.

O rei francês, Luis XVI, tentava aprovar, inicialmente, uma proposta para que os nobres arcassem com os gastos militares, na "Assembléia dos Notáveis", que a rejeitou.

Deu-se a primeira fase da revolução, de 1787 a 1789, e que consiste na revolta da aristocracia com o rei, em torno do pagamento pelo endividamento do Estado.

Produziu-se um clima de descontentamento, revolta e intensa agitação social, com a burguesia mercantil engajada no debate, burguesia que fez neste período o grande aprendizado que lhe permitiria liderar a revolução.

O rei foi aconselhado a convocar os Estados-Gerais, onde se reuniram representações de todas as classes na França, ou seja, os três estados. Assim sendo: aristocracia (nobreza), clero, e o Terceiro Estado (não-aristocráticos: camponeses e a burguesia basicamente); se reuniram para decidir os rumos da crise vivida pela França.

Para que fossem escolhidos os representantes da burguesia foram organizadas eleições, o que permitiu um grau de organização imensa ao Terceiro Estado (outro ponto fundamental para a concretização da revolução).

Em maio de 1789, os nobres tinham 270 deputados e o Terceiro Estado 571, representando 95% da população francesa.

Reuniram-se em maio de 1789 e, por meio de uma série de manobras de grupos radicais, o Terceiro Estado declarou que os Estados Gerais não constituíam um fórum legítimo de representação.

A primeira revolução francesa era portanto política. Por contemplar a maior parte da população francesa, o Terceiro Estado diz ser ele próprio os Estados Gerais, excluindo-se portanto a nobreza e os clérigos, à exceção dos que aderiram ao Terceiro Estado.

Os Estados Gerais foram então dissolvidos e o Terceiro Estado foi proclamado como a Assembléia Geral Constituinte, tendo como missão a elaboração de uma constituição para regular o poder do rei (até então ilimitado), com base na Declaração dos Direitos do Homem e dos Cidadãos.

Em seguida, a Assembléia Nacional Constituinte avançou contra os direitos feudais de recolher impostos; contudo, os senhores feudais acabaram sendo indenizados pelo próprio governo francês.

Foi neste mesmo ano, em 1789, que se produziram os elementos que configuraram a Revolução Francesa: o campesinato se tornou uma milícia a serviço da burguesia e, seguindo suas próprias orientações, precisavam se armar. Buscaram armas no dia 14 de julho de 1789, na prisão política que funcionava como arsenal do Antigo Regime: a Bastilha.

A prisão foi cercada e a guarda que ali estava se rendeu (tendo parte dela inclusive se juntado aos revoltosos), permitindo a entrada dos revolucionários que no processo libertam os presos políticos.

Com as armas e com a adesão de vários soldados das tropas regulares francesas, constitui-se uma Guarda Nacional engajada à causa revolucionária, que se opôs ao exército regular do regime. A guarda era composta por elementos da burguesia, uma vez que tanto o fardamento quanto as armas eram comprados pelos próprios soldados, à exceção do caso da Bastilha e similares, nos quais as armas foram tomadas do exército regular.

Mas a vitória da revolução foi de fato garantida pelos *sans-cullottes*: as massas de desempregados, operários, lojistas e populações pobres em geral que participaram das revoltas populares.

Houve saques em Paris devido à fome e à alta dos preços dos alimentos, em decorrência da prática do liberalismo econômico. O pão estava inacessível à população pobre devido à má colheita de trigo.

A força revolucionária dos *sans cullottes* passou a exigir o pagamento de impostos populares por parte dos proprietários.

Esta fase se estende de 1789 a 1791 e é caracterizada por revoltas populares e pela instauração de uma monarquia constitucional. Ou seja, uma constituição passava a se impor sobre o poder político do rei, limitando-o.

A forma econômica da revolução é o liberalismo, que se defrontava com o violento cotidiano das relações de produção.

Em 1791, o mesmo rei que havia assinado a constituição resolveu se aliar à nobreza que havia deixado a França (mais de 300 mil nobres) e, em abril, tenta fugir. Foi capturado com a rainha em Vallem.

Sua captura instaurou um dilema: monarquia constitucionalista ou república?

Na monarquia constitucionalista continuaria a figura de um rei, que porém teria que obedecer a uma lei maior, a constituição, elaborada por representantes eleitos pelo povo. Na república não haveria rei, o soberano seria eleito pelo povo para cumprir apenas um determinado mandato, enquanto o rei cumpriria seu mandato de forma vitalícia.

Foram eleitos novos deputados, dentre os mais importantes: Danton, Marat e Robespierre, para a Assembléia Nacional, o poder legislativo francês. Nessa nova representação, discute-se se deve ser declarada guerra para apoiar territórios que se declaravam franceses.

A Assembléia passou a ser constituída por girondinos, a alta burguesia (Partido da Planície) e jacobinos, a baixa e média burguesia (Partido da Montanha); este à esquerda da assembléia, aquele à direita (origem da designação para partidos políticos).

Em abril de 1792, foi deflagrada a guerra contra o império Austro-Húngaro, vencida pela França.

De 1792 a 1794, o governo francês passou a ter hegemonia da esquerda jacobina chefiada por Robespierre. Teve início então o terceiro e mais radical período da revolução: a República Jacobina.

O rei foi julgado e decapitado, a monarquia abolida, e declarado o sufrágio universal (o direito do povo de ir às urnas para escolher seus representantes).

A revolução, nessa fase, teve um profundo caráter anti-religioso, suprimindo a Igreja e enforcando padres.

Diante da crise militar, se propôs um novo tipo de exército baseado na eliminação da distinção entre civis e militares. Todos os cidadãos passavam a ser soldados da revolução e os bens daqueles mais abastados passam a poder ser confiscados em benefício da nação.

Tratava-se de um novo exército e os elementos que o iluminam são: guerra de movimentos (mobilidade tática das tropas) e a implantação do terror à contra-revolução (julgamentos e execuções sumárias de contra-revolucionários).

Do terror adveio o invento do médico francês Guillotine, que desenvolveu um método de execução com base em um mecanismo de acionamento de uma lâmina para decapitação, que permitia executar um número maior de pessoas com menor dispêndio de energia e mais rapidamente: a guilhotina.

O governo jacobino, em apenas dois anos, criou e arma não só um novo exército, mas um novo tipo de guerra.

De fato, sob os jacobinos o sufrágio nunca foi utilizado e o controle de preços não funcionou; mas as promessas empurravam o povo francês para a guerra, derrotando a contra-revolução monárquica e exércitos estrangeiros.

Criou-se o Comitê para a Salvação Pública e o país passou a ser governado por uma ditadura de 12 pessoas que se apoiavam na mobilização dos proto-proletários de Paris.

A vitória da revolução passava a ser total no âmbito externo; mas internamente o controle de preços não dava resultados e o Comitê de Salvação Pública passou a ser alvo de críticas tanto da direita quanto da esquerda.

Em agosto, a Convenção prendeu Robespierre, o julgou e executou, mesmo tendo ele conduzido as maiores vitórias militares francesas. No mês Termidor, começava a contra-revolução na França.

Do exército popular de coalizão francesa, organizado no período, ascendeu Napoleão Bonaparte.

Entre 1795 e 1799 todas as conquistas territoriais da revolução são organizadas em Estado Nacional, as alas radicais são eliminadas e a França passa a estender seus domínios sobre territórios circunvizinhos.

Entre 1795 e 1799 têm-se a etapa do Diretório, na qual, supostamente, as



Figura 2

Print with Portrait of Napoleon Bonaparte

IMAGE: © Bettmann/CORBIS

DATE CREATED ca. 18th-19th century

COLLECTION Bettmann

instituições democráticas teriam se consolidado na França. Na prática, pode ser o período interpretado como uma ditadura baseada em uma instituição democrática.

Uma nova guerra tem origem com a imposição do bloqueio continental por parte da Inglaterra, que isolava a França economicamente por meio do bloqueio ao comércio marítimo.

Com a promessa de salvar a nação do caos econômico e social, assumiu o poder um consulado com três membros, um deles Napoleão Bonaparte, que por meio de golpes e manobras se auto-nomeou primeiro cônsul e depois se fez coroar imperador francês, em Roma.

Encarnava a nova sociedade de princípios burgueses, onde um comum, não nobre, descendente de camponeses, poderia se tornar imperador.

Entre 1814 e 1815, governou com sua família (principalmente irmãos) a Europa Napoleônica.

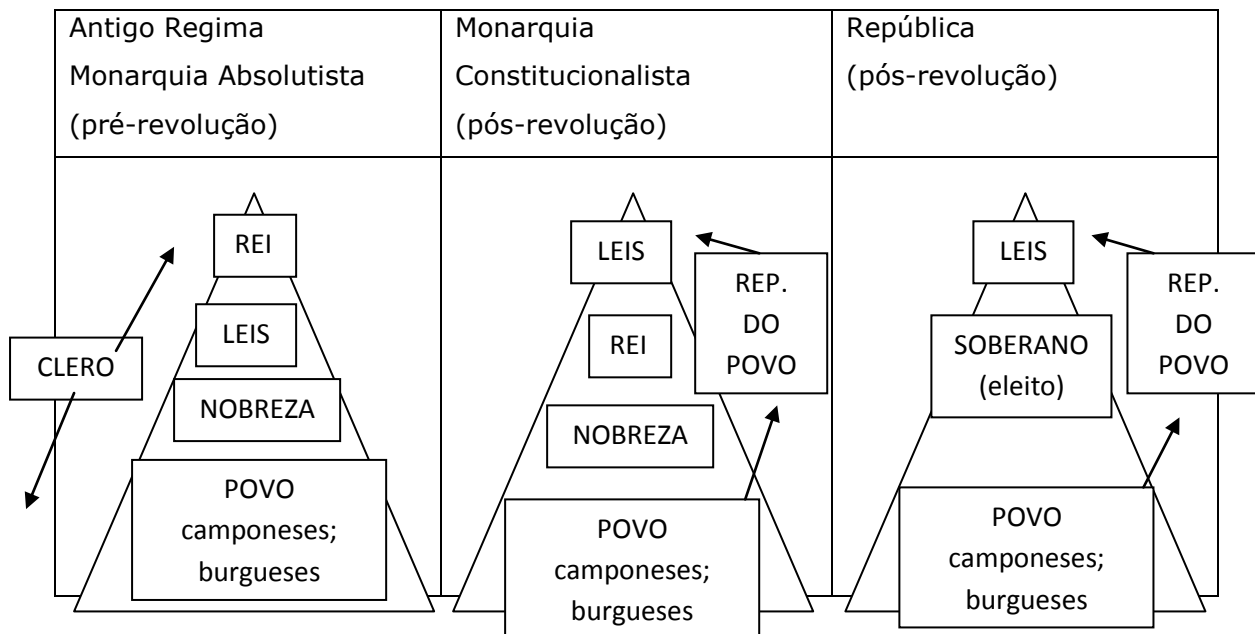
Foi derrotado definitivamente em 1815 na Batalha de Waterloo, após os 16 anos mais revolucionários de toda a Europa.

Em 1815, após a derrota napoleônica, foi convocado o Conselho de Viena, onde

todas as nações europeias, lideradas pela Inglaterra, criaram a Santa Aliança, com a finalidade de devolver ao mundo os contornos políticos anteriores à expansão do império francês, incluindo o restabelecimento das antigas casas dinásticas e do Antigo Regime.

Contudo, apesar de o mapa europeu ter retornado aos seus antigos contornos, a burguesia já havia conquistado seu papel dentro das novas estruturas de poder. Não era mais possível restabelecer o Antigo Regime pois em termos políticos e sociais quase a Europa inteira havia sido revolucionada e se organizava, politicamente, em torno de monarquias constitucionais ou repúblicas.

Diferenças entre distintas formas de organização política dos Estados antes e depois da Revolução Francesa:

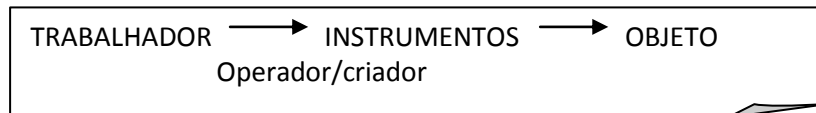


Percebe-se, no quadro acima, que na Monarquia Absolutista o poder emana do rei, que cria as leis mas que não deve obedecê-las, sendo seu poder ilimitado. Já na Monarquia Constitucionalista há um conjunto de leis (a Constituição), que limita os poderes do rei e que é criada pelos representantes do povo, sendo assim, o poder emanaria do povo. Na República verifica-se o mesmo, contudo o próprio soberano é escolhido pelo povo para cumprir um mandato limitado no tempo, enquanto nas monarquias comumente os reis não são escolhidos, transmitindo-se o poder de forma hereditária.

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Ocorreu na Inglaterra, primeiramente, porque ali havia determinadas condições econômicas e sociais que deram origem às invenções que, por sua vez, consistiram na introdução da máquina na produção fabril.

Antes da Revolução Industrial, a produção na Inglaterra tinha um caráter artesanal e a economia era predominantemente agrária. Até ali, a atividade produtiva tinha como componentes: o trabalhador, a ferramenta e o objeto, produto da ação humana.



As transformações do capitalismo mercantil para o industrial:

A nova ordem econômica	
Séc. XVII	Séc. XVIII
Mercantilismo	Liberalismo Econômico
Controle do Estado Absolutista sobre a economia, intervindo para manter o superávit e assim a balança comercial estável (exportar mais do que importar / vender mais do que comprar)	O Estado Liberal não deve interferir na economia, que deveria se auto-regular por meio de suas leis naturais
Economia voltada ao mercado interno	Economia voltada para o mercado externo
Economia centralizada pelo Estado, submetida ao poder absoluto do monarca	A economia seria regida por suas próprias, ou seja, as leis da livre concorrência (oferta/procura)
Restringia a expansão da burguesia, com impostos excessivos	A liberdade de comércio possibilitou a ascensão da burguesia e o declínio da nobreza

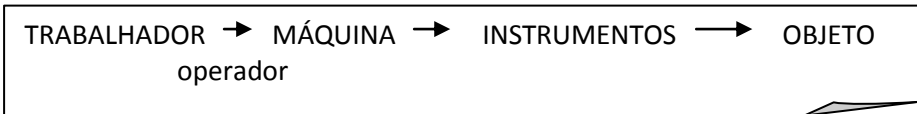
Fatores que possibilitaram a Revolução Industrial

Os antecedentes primordiais da Revolução Industrial foram:

Expansão do mercado	Resultado do liberalismo político, implementado no âmbito das revoluções burguesas ou das reformas liberais dos antigos estados absolutistas
Crescimento da demanda por produtos manufaturados	Resultado da expansão dos mercados e da queda de barreiras tributárias para circulação de produtos
Descompasso nas formas	A manufatura, ou seja, o fazer artesanal, não dava

arcaicas de produção	conta de atender a essa demanda muito maior
Pressão do mercado	Esse descompasso resultou numa pressão do mercado para a re-elaboração dos processos produtivos, a fim de dar conta de toda essa demanda
Desenvolvimento da maquinaria mecânica (fábricas)	O resultado seria fazer mais em menor tempo, para atender às pressões do mercado, o que levou à substituição do trabalho artesanal pelo trabalho mecânico
Desenvolvimento da máquina a vapor (1767)	A força humana no trabalho mecânico é substituída pela força do vapor. O princípio é o de que a água aquecida, mudando de estado líquido para o gasoso, exerce pressão, criando o movimento em um aparato mecânico: o motor a vapor.

A primeira Revolução Industrial, com o advento da máquina a vapor (motor), em meados do séc.XVIII, inseriu a máquina entre o trabalhador e a ferramenta. Antes da revolução industrial, a atividade de produção dependia da habilidade do trabalhador num fazer artesanal, a manufatura ("fazer com as mãos"); com o motor, a necessidade da habilidade e o dispêndio de energia do trabalhador diminuíram abruptamente.



A primeira onda de choque da revolução atingiu as fábricas onde as máquinas funcionavam a base de carvão mineral, onde se assistiu às primeiras produções em grande escala. Estas atingiram fundamentalmente a indústria têxtil, mote da indústria inglesa. Com o desenvolvimento do motor à explosão, em 1830, e a profusão do novo ambiente de produção, a revolução industrial se consolidou, mudando todos os aspectos da vida social inglesa e, por extensão, européia. As mudanças no ambiente da produção, entre as antigas e as novas formas produtivas, foram drásticas:

MANUFATURA	INDÚSTRIA
OFICINA	FÁBRICA
Centro da produção: Homem	Centro da produção: Máquina
Valorização das questões humanistas	Desvalorização do fator humano
Artesãos e artífices desenvolvem trabalhos manuais	Trabalhadores submetidos a jornadas excessivas de trabalho em atividades repetitivas
Habilidade / Ofício	Linha de produção
Interdependência: patrão / trabalhador	Independência do patrão em relação ao trabalhador, em função da máquina

As conseqüências da consolidação das novas relações de produção, que inauguram um capitalismo industrial, são:

Nova burguesia	A burguesia, que nas manufaturas definiam-se como parte da cadeia produtiva, não só como proprietários dos meios de produção mas como, efetivamente, artífices participantes da elaboração do produto, nas fábricas alugam a força de trabalho alheia.
Consolidação do mundo burguês	Tendo vencido a nobreza no contexto das revoluções políticas, a burguesia se consolidava como classe dominantes, tornando-se seus valores também dominantes nesta nova sociedade.
Declínio dos artesãos	O fazer artesanal perde seus sentidos primordiais e se confunde com a arte, deixando de ser uma atividade social primordial ao desenvolvimento econômico.
Surge o proletariado	A consolidação da burguesia como classe dominante assiste à conformação de um numeroso operariado urbano, o proletariado, que tem expressão política como subalternos nessas novas relações de produção.
Ludismo	Houve uma resistência inicial às transformações em curso. Um grupo radical, liderado pelo Cap. Lud, liderou ações de depredação de fábricas e destruição de máquinas, reivindicando o restabelecimento das oficinas e, assim, das antigas formas de produção.
Movimento operário	A inexistência de leis trabalhistas, as longas jornadas de trabalho, as condições insalubres nas fábricas e a violência das relações de opressão entre burgueses e proletários levou à organização do movimento operário como força política, reivindicando direitos básicos.
Sindicatos	As reivindicações ganharam forma de ação política primeiro no âmbito dos sindicatos, muitos na ilegalidade, como instrumento de luta da classe trabalhadora para suas primeiras conquistas como a regulamentação da jornada de trabalho, salário mínimo, férias etc.
Greves	Reprimidos violentamente e tendo negadas boa parte de suas reivindicações, o movimento operário adotou estratégias de ação política para chamarem a atenção das classes dominantes sobre suas reivindicações, como a interrupção das atividades de produção e as ocupações de fábricas, maioria reprimidas violentamente, decorrendo em prisões e até mesmo assassinados.
Conquista de legislações trabalhistas	O atendimento a parte dessas reivindicações por melhores condições de trabalho levou à consolidação das primeiras legislações trabalhistas.
Organização dos partidos políticos de esquerda	A organização dos trabalhadores na luta por direitos levou à conformação dos primeiros partidos políticos de esquerda na Europa, primordialmente em torno das correntes socialistas e do anarco-sindicalismo.

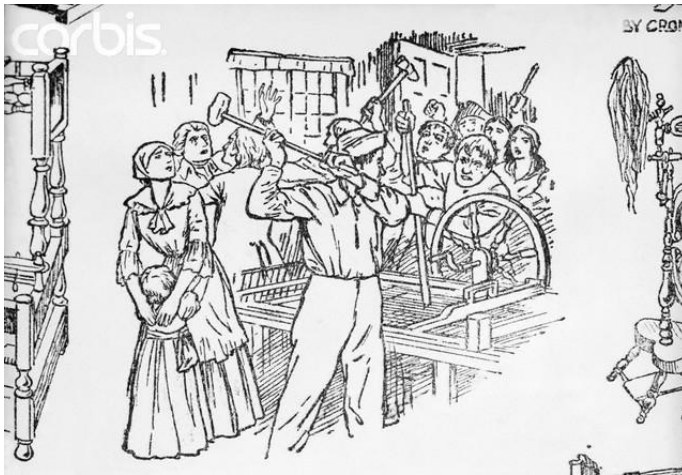


Figura 3

Destruction of Spinning Jenny

Original caption: Illustration depicting the destruction of a spinning jenny during the Industrial Revolution in England. Undated pen and ink drawing.

IMAGE: © Bettmann/CORBIS

LOCATION [England](#)

COLLECTION Bettmann

Referências bibliográficas:

COBLAN, Alfred. A interpretação social da revolução francesa. São Paulo: Gradiva, 1988.

COGGIOLA, Osvaldo L.A. "Da Revolução Industrial ao Movimento Operário: As origens do mundo contemporâneo. *Grupo de Pesquisa História e Economia Mundial Contemporâneas*. Maio de 2006, disponível no sítio: <http://www.gtehc.pro.br> .

FAYARD, J.; FIERRO, A.; TULARD, J. Historia da Revolução Francesa. Lisboa: Livros do Brasil, 1989.

FLORENZANO, Modesto. As revoluções burguesas. São Paulo: Brasiliense, 1997.

FROMM, Erich. O medo à liberdade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

HOBBSAWM, E. A **Era do Capital**, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MARX, Karl. O Capital (Crítica da Economia Política). Livro 1: O Processo de Produção do Capital. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1987.

THOMPSON, E. P. Formação da Classe Operária Inglesa: vol. 2. A maldição de Adão. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

TOCQUEVILLE, Alexis de. O antigo regime e a revolução. Brasília: Ed. UnB, 1997.



www.cruzeirosul.edu.br

Campus Liberdade

R. Galvão Bueno, 868

01506-000

São Paulo SP Brasil

Tel: (55 11) 3385-3000